



VIDA MUNDIAL
ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

LAUREN BACALL, «A MULHER VULCÃO», A ÚLTIMA
GRANDE DESCOBERTA DO CINEMA AMERICANO

Lauren Bacall

ANO V

PREÇO AVULSO 1\$80 ~ 7 DE FEVEREIRO DE 1946 N.º 246

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR:
JOSÉ CANDIDO GODINHO
EDITOR:
PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL"
EDITORIA, LIMITAD.

PRIMEIRA COLUNA

A FORÇA DOS DITADOS

POR ANÍBAL NAZARE

É quasi certo que a todas as situações, na vida, pode aplicar-se um ditado.

As vezes, como costuma dizer-se, «assenta como uma lava». Mas, mesmo quando a sua aplicação não é perfeita, sempre pode usar-se com a certeza de não ser de todo deslocada a sua aplicação.

Vem isto a propósito dum velho ditado que o mundo tantas vezes parece ter esquecido. Diz ele: — «Vale mais prevenir, que remediar».

De natureza descuidada, a Humanidade tem existido a adoptar o contrário: — preferir, bastas vezes, remediar a prevenir.

É de crer, porém, que a última catástrofe, que tantos países enlutou, a chamou à realidade. E não será ousado afirmar que, desta vez, a Humanidade, esmagada ao péo das suas próprias imprudências adopte, o mais possível definitivamente, o ditado: — «Vale mais prevenir, que remediar».

Senão, vejamos: — Está reunida a assembleia que pretende garantir a Paz. Mas constroem-se novos barcos de guerra... Afirmase que, deste organismo, sairá a certeza de que será impossível nova agressão — mas discute-se o segredo da bomba atómica... Garante-se que, de futuro, nação alguma se julgará capaz de desarmar os povos pacíficos da terra — mas valse ao ponto de realizar exercícos de defesa, prevendo uma agressão que Júlio verne não desdenharia subscrever: — O ataque ao Continente americano através do Polo Norte!

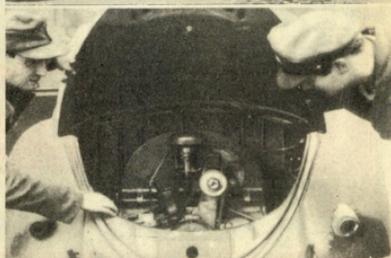
Postas as coisas neste pé — que não será, bem, em pé de guerra, mas também não é, em absoluto, num ambiente de Paz, não nos parece muito fantástico calcular que a Humanidade prefere prevenir-se do que ter de «remediar-se» — como está fazendo na reunião de Londres...



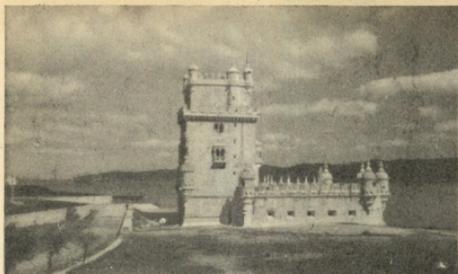
A Paz voltou as terras da Normandia. Nos campos, por onde passou a morte, o arado do lavrador passa junto dos campos dos soldados. E a vida continua.

Eis o «Volkswagen», o «carro do povo», que Hitler prometeu a todos os alemães. Está agora a ser fabricado em série pelos ingleses, na sua zona de ocupação da Alemanha. Como os leitores vêem pela foto, o motor é bem simples e está colocado à rearguarda.

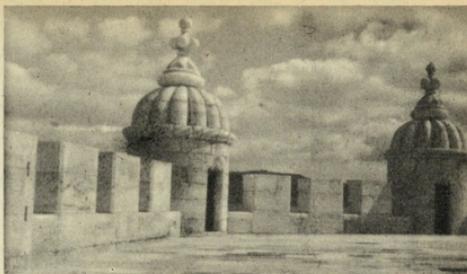
(Serviço «International News Photos» exclusivo para a «Vida Mundial Ilustrada».)



O Duque de Windsor aproveitou a sua estadia na Inglaterra para se encontrar com sua mãe, a rainha Maria, na sua residência de «Malborough House», em Londres.



A Torre de Belém, desenhando-se, de madrugada, no céu português, como uma sentinela



Um detalhe da Torre, ao entardecer

A TÔRRE DE BELÉM SENTINELA DO MAR

ESSA jóia graciosa de rico estilo manuelino, namorando o Tejo, ali no Bom-Sucesso, é um dos mais lindos monumentos portugueses. O seu rendimento, há séculos belido pelas ondas do mar, rebrilha como filigrana delicada, obra de mágicos canteiros.

Fomos, aqui neste castiño da Europa, uma escola de marinheiros. Sagres foi a forja das mais altas aventuras. O infante D. Henrique vivia para o seu sonho de continuar, pelo mar, a terra portuguesa. Por todo o mundo se hastoeou as quinas sacrossantas da pequena nação — que dava ao mundo novos mundos. Enquanto a espada andou empunhada, em batidas valorosas, derrotando a molizama e consolidando a Pá, Portugal, pequenino, foi gigante e herói. Do Minho ao Algarve fez-se um reino cristão.

Depois, na ânsia de nunca parar, os marinheiros vieram completar o sonho dos guerreiros.

Em qualquer caravela, scotada de nordeste, ia uma «compacha» de pacificação e descoberta. A lenda morria sob as quilhas e os velames das fráguas embarcações. Já o mundo sabia das famas e das aventuras dos portugueses. Terras distantes, abrasadas de sol, recebiam os portugueses como heróis. Foi preciso ir à Índia, dobrar o Cabo das Tormentas, aportar ao Brasil — descobrir rotas nos confins do mundo — e os navegadores portugueses, artífices corajosos das aventuras, demolidores satânicos de lendas, ali estavam com a mão no leme e na boca uma oração para Deus. Tantas glórias deram aos reis, humildes filhos do mar, que alguns monumentos, prometidos em votos, ficaram a atestar a grandeza da gratidão dos monarcas. Os Jerónimos, foi um voto. A Torre de Belém, outro. Os dois andam liga-

(Continua na página 14)



Outras imagens de beleza

Fotos João Martins



Mas nem só vista por fora a Torre de Belém tem imagens do maravilh! Quem a visitar terá de deter-se, muitas vezes, olhando recantos admiráveis.

ANTÓNIO DUARTE Escultor de "Nuno Tristão"

ANTÓNIO Duarte, um dos mais expressivos talentos da moderna geração de escultores, acaba de triunfar com a «maqueta» sobre «Nuno Tristão, descobridor da Guiné», alcançando, entre vários concorrentes, o 1.º prémio.

A figura varonil do acazaz marinho teve, em António Duarte, o artista vivo, apaixonado, que soube moldar, com inextinguível personalidade, os traços psicológicos dum marinheiro das caravelas. António Duarte, servindo com tanto ardor a Arte, continua a marcar a sua presença como um dos artistas em quem mais as gerações confiam.

Um livro de "Desenhos" de MÁRIO DE OLIVEIRA

MÁRIO Gonçalves de Oliveira, arquitecto brilhante e apaixonado pelo desenho, publicou agora, em Coimbra, um trabalho cheio de interesse: — um álbum de desenhos, pequenas obras de arte que, em grande parte, são reproduções de trabalhos duma exposição sua, que tivemos ocasião de apreciar em Coimbra. Mas Mário juntou-lhe muitos trabalhos de Espanha, que ele viu com olhos de artista e que fixou em apontamentos nervosos, rápidos, flagrantemente de sinceridade e de expressão.

Uma notável galeria de tipos, cenas populares de invulgar realismo, completam o valioso «Album» do arquitecto Mário de Oliveira, a quem a arquitectura, felizmente, não afastou da sua paixão pelo desenho.

Folheando o álbum, quer nos fixemos num «portais» de Lisboa, ou na «venda dos jornais», em Madrid, é a vida que estamos apreciando e é vida e vibração tudo o que sai do lápis, que se adivinha espontâneo e sincero, de Mário de Oliveira. Este seu álbum é o depoimento dum Artista que sabe olhar a vida de frente e surpreendê-la nos seus mais humildes aspectos. Daí, a ternura de certos trabalhos, que apetece ficar a admirar muito tempo, a ver se mudam de expressão...

NOIVAS DE GUERRA

HÁ actualmente na Grã-Bretanha cerca de quarenta mil raparigas inglesas que se consorciaram durante a guerra com soldados americanos.

Muitas há, porém, que há dois ou três anos não põem a vista em cima dos maridos e estão ansiosas por ir para a América e ali fixarem a sua residência.

Os maridos, porém, estão espalhados pelo mundo fora, aguardando transportes para a Grã-Bretanha.

Ultimamente, as raparigas, já fartas de esperar, começaram a fazer demonstrações em massa junto da embaixada dos Estados- Unidos.

O governo está a tomar imediatas providências, pois entre as raparigas algumas há em má situação, com falta de dinheiro e filhos a criar — filhos de soldados americanos e que o governo tem o dever de amparar e proteger.



As esposas dos GI (o soldado americano), organizaram um cortejo, que desfilou em frente da embaixada americano em Londres. Todas gritam em cântico: «Queremos os nossos maridos!». Justo, não é?...



As esposas e os seus bebés formaram uma parada para protestar pelo demora dos bancos para os E.U., e revoltaram-se com o facto de terem sido transportados animais do Jardim Zoológico para os Estados- Unidos. Foi-lhes respondido se queriam viajar também como os animais. As raparigas calaram-se — por esta vez, é claro...



As raparigas estão recebendo uma instrução adequada por parte da Cruz Vermelha para que amanhã possam ser boas esposas americanas... Aqui já aprendem a fazer café à americana — ao gosto dos maridos...



...ou a vestir-se como as americanas.



Esta mãe de dois bebés vai à frente do cortejo. No cartaz lê-se: «Quem dará de comer aos filhos dos G.I.'s?».

REGRESSAR A DE GAULLE?

O que se notou imediatamente, conforme acentuava o "Times", foi ter havido uma transferência de poderes dentro do próprio gabinete. De Gaulle era um chefe independente. Gounin terá de ser um presidente imparcial. Não deixa de ser significativo o facto dos três partidos terem distribuído entre si as pastas de modo a libertar o Chefe do Governo de todas as tarefas que o possam envolver em acusações de partidarismo. O efeito combinado destas modificações deve manter a incerteza do futuro político da França.

Perante todo este conjunto de circunstâncias, há quem não acredite ainda que o general De Gaulle deixe parecer definitivamente como figura política de importância.

Ao abandonar o poder antes que o depusessem ou demitiram, De Gaulle tomou uma attitude que lhe abre a possibilidade de tornar a ser votado nas eleições da Primavera próxima.

Quem sabe se o libertador da França não estará ainda guardado para vir a ser o primeiro presidente da nova República francesa?

por José Correia Ribeiro

A França continua em transição. A falar verdade, notou-se em todas as fases da criação de um desequilíbrio preocupante. Embora o povo francês deseje ardentemente a implantação de uma forma de governo forte e esclarecida, que lhe dê estabilidade, não rejeita de modo algum as novas aventuras encetadas.

Ultimamente, as discussões políticas centralizavam-se em torno da figura do general, ou antes, do presidente De Gaulle. Em pouco mais de ano e meio, o seu prestígio sofreu constantes eclipses, que, no fundo, não surpreenderam ninguém. Antes da libertação, De Gaulle era o sustento e o claro símbolo que dava força e esperança à Resistência. Era uma figura lendária, cujas qualidades e defeitos eram totalmente desconhecidos.

Desde que voltou à Pátria, o libertador da França tornou-se imediatamente o foco dos olhos investigadores de amigos e adversários. Não tardou, pois, que, como figura pública, a sua política... e a sua falta de política, comesçassem a ser impiedosamente criticadas. Taxativamente, as suas qualidades foram apreciadas à luz dos esforços por ele feitos para reconstruir e renovar o dia a dia do povo.

DE GAULLE E OS PARTIDOS

Nas suas tentativas, De Gaulle provou, como era de esperar, muitos desapontamentos, queimou muitas esperanças. Os grupos de "Resistência" exigiam audácia e desassombro no campo social e económico para tornar possível o renascimento de uma França melhor. De Gaulle, dizia-se em alguns círculos de Paris em tom lamentoso, era a precaução e a discreção personificadas. Só na política externa, a sua linha de conduta era firme e audaz, mas a grandeza internacional não podia ser alimentada nem substituída por cérebros vazios...

No entanto, o general De Gaulle era, e ainda continua a ser, uma figura preponderante na política e nos destinos da França. É um chefe sem partido. Ou melhor, está acima de qualquer partido... e quase acima da Nação.

Escreveu Walter Farr: «Com a Quarta República da França na fase de reorganização, a dramática demissão de De Gaulle é acompanhada por um regresso ao sistema de crises sucessivas que caracterizaram o período mais sombrio do regime anterior. «Talvez a principal diferença entre os dois regimes resulte do facto de, na Terceira República em 1840, ser a Alemanha a beneficiada, ao passo que, neste momento, o inimigo encontra-se dentro da própria França, transformando numa espécie de monstro de três cabeças representando a miséria, o medo e a guerra civil».

As causas que motivaram o afastamento de Charles De Gaulle são já sobejamente conhecidas. No entanto, vamos expô-las aqui em resumo. Basicamente, havia um conflito de interesses entre De Gaulle e os comunistas, ou, mais pormenorizadamente, entre a Extrema-Esquerda, aliada à Esquerda, onde estava englobada uma grande parte dos socialistas.

Duma maneira geral, os observadores mais ou menos imparciais estão convencidos de que o grande motivo da política de De Gaulle foi exactamente a sua falta de senso político. Isto é, De Gaulle pôs o carro à frente dos bois. Em vez de concentrar as suas atenções na reconstrução duma França em ruínas, centralizando os esforços governamentais numa política externa

tendente a reafirmar o prestígio da França no estrangeiro.

Ora a França está a sofrer as consequências da guerra, e o povo não pode conseguir obter os mantimentos indispensáveis à vida, a não ser no mercado negro.

De Gaulle, com a sua política, pode, portanto, ser acusado de ter consentido na entrada dos comunistas para o governo, o que lhes permitiu ocupar a posição privilegiada que hoje gozam. Precisamente, em vésperas de serem tomadas importantes decisões na O.N.U., De Gaulle viu-se assaltado por inúmeros problemas internos.

Os comunistas e os outros grupos da Esquerda atacaram-no por causa dos créditos do exército, dinheiro que, segundo eles, seria melhor empregado para comprar de grãos alimentícios e artigos de vestuário para os civis.

Outro motivo de grandes atritos tem sido a preparação da Constituição. De Gaulle pretendia formar um Parlamento com Câmara de Deputados e Senado, o qual actuaria como elemento moderador na legislação da Câmara Baixa.

DE GAULLE E A ASSEMBLEIA

Os comunistas e alguns socialistas pretendiam uma única Câmara com poderes concentrados. De Gaulle confessou aos seus íntimos que sentia não poder dominar os comunistas e, como os socialistas recentemente tinham resolvido apoiar-lhe, a sua posição era insustentável.

Para substituir De Gaulle, a Assembleia francesa elegeu o seu presidente Félix Gounin para o cargo de Chefe do Governo Provisório. Esta escolha traduziu o desejo de que a França continuasse a ser representada por um governo de coligação, com igual número de representantes dos três maiores partidos.

Esta coligação foi formada pelo general em Novembro do ano passado em conformidade com os desejos expressos pela própria Assembleia e em oposição à sua concepção dos interesses políticos do país. Passadas dez semanas, De Gaulle verificou que não podia continuar a colaborar com uma organização em que tinha de fazer constantes concessões sobre pontos de vista incompatíveis com as suas ideias.

Félix Gounin estava duplamente convidado a manter a unidade governamental, em primeiro lugar porque o facto de ter, hábilmente, presidido às Assembleias de Paris e logo lhe grangeara um lugar à parte no panorama político francês, e em segundo lugar porque o Partido Socialista, ao qual pertence, se encontra a servir de mediano entre os católicos progressistas e os comunistas.

No entanto, a escolha de Gounin não deve ser tida apenas na conta de manobra política. Como já nos referimos anteriormente, uma das primeiras missões da Assembleia é fazer a França com uma constituição que traduza o espírito da Resistência e, portanto, seja aceite por todos os partidos que cooperaram com a Resistência. Se qualquer destes partidos for para a oposição, as perspectivas de acordo em questões constitucionais tornar-se-ão quase nulas.

No obstante, apesar deste esforço para manter o actual equilíbrio político a subsistir, De Gaulle quer Gounin fazer uma substancial transferência de poderes. O general gozava dum prestígio sem rival em toda a França. Ao elegi-lo chefe do Governo Provisório, a Assembleia não fez

mais do que reconhecer esse facto. Em contrapartida, Gounin deve a actual situação intrinsecamente às decisões da Assembleia.

Enquanto o general esteve no poder, podia afirmar-se que a autoridade do Estado estava dividida entre os poderes legislativos e executivos. Agora tanto o governo como o estado patentemente concentrados no âmbito da Assembleia. Ora, isto acontece precisamente na altura em que prevalece o sentimento de que a França deve as suas desgraças às frequentes alterações dos Ministérios da Terceira República, e que os seus interesses exigem poderes executivos



A O. N. U. EM CARICATURA

Diz o ditado que não se deve brincar com coisas sérias. Porém, o Inglês é sem por cento humorista. Como tal, Hingsworth, o magistral cartoonist do "Daily Mail", não quis deixar passar o actual momento internacional sem o comentar com o seu oportuníssimo humorismo. Estes dois desenhos valem, na verdade, um mundo de prova, e são, sem dúvida alguma, o mais elocutivo e completo comentário que se pode fazer ao panorama mundial e às questões discutidas na O. N. U. Publicados com um intervalo de cinco dias (18 e 23 de Janeiro), eles marcam toda uma fase evolutiva das últimas surpresas da «banca» político-diplomática.

FRAGILIDADES DA LITERATURA

A arte nunca pode ser expressão suficiente da vida, mesmo quando a forma é a máxima do génio. Não pode ser expressão suficiente quando procura representá-la em visão tão directa quanto possível, revertendo à fotografia escrita no plano da literatura, nem quando pretende exprimi-la por meio de símbolos que reconstituam na imaginação do leitor o mundo completo que o artista concebeu. Imagine-se a realidade, toda a realidade, criada e observada através da obra de Balzac, de Dickens, de Flaubert ou de Zola — compreendido o mundo através dela por uma consciência que tivesse vindo de outro planeta. Seria sempre fugaz, incerta, frágil, multiforme sobre a forma de compreensão assim adquirida. Por isso a literatura exige, para ter algum sentido, a genialidade do autor e também uma certa genialidade do leitor. Mas esta depende sempre daquela — e não há esforço de addivinação, de reconstrução intelectual e sentimental que possa suprir a pobreza da obra literária pobre; que possa reacquerir no espírito animado da maior boavontade o que a boa-ontada do autor não conseguiu superar vigorosamente; que substitua a riqueza interior de quem lê a pobreza interior de quem escreve.

Há sempre na literatura, pois, uma grande responsabilidade: a dos desleixados, dos enfadados, das fadigas que se provocam com a obra deficiente — o tanto mais, com tanto maior amargura, quanto se espera de outros juízos (a obra já criada, o nome conhecido, a escola em que se enfileira, o intuito extra-literário da criação artística) e satisfação plena desta dita de ver e compreender melhor o mundo em que vive que é a pequena força íntima de quem lê.

FAÇA DE PAPEL

* O inesgotável poeta João Maria Ferreira publicou «Sonetos da Serra do Gerês».

* O professor João Barreira iniciou a publicação em fascículos de uma obra monumental intitulada «Arte Portuguesa em sua representação gráfica», com opania de apresentação gráfica e sugestiva distribuição das matérias. As concepções pessoais de intenção histórica e estética que o dr. João Barreira tem apresentado em outros estudos terão grande mais larga e completa expressão.

* «Informação Literária», revista de cultura portuguesa, dirigida pelo dr. António Correia, apresenta o 3.º número da série regularmente publicada. As secções bibliográficas têm melhorado sensivelmente.

* Jaime Ferreira publicou «O crime do molinho do Urzulo», obra de

journalismo apolaxado e sincero em que procura desmascarar com vivência «os ódios de uma sociedade mal constituída e a falibilidade da justiça dos homens». A intenção do livro é generosa e a sua forma literária muitas vezes apreciável pelo vigor e eloquência que imprimem ao drama judicialístico descrito.

* A «Biblioteca Móvel», útil e necessária organização de cultura popular dirigida por Victor de Sá e consagrada em Braga, distribuiu um catálogo de leituras que os seus aderentes podem obter em qualquer ponto do país, acompanhado de notas literárias muito oportunas e referências de grande interesse.

LIVRARIA ECLECTICA

LIVROS NOVOS E USADOS

Compra grandes e pequenas bibliotecas

Calçada do Combro, 58 - LISBOA

CRÍTICA DA DE

NOS BASTIDORES DO JORNALISMO por Rafael Ferreira

Com expressa e verdadeira modestia, com simplicidade ingénua e simples, o «bo jornalista» Rafael Ferreira compendiou em volume algumas das suas recordações pessoais, abrangendo sobretudo a existência humilde e laboriosa. Não criou, certamente, uma obra de literatura. Ele mesmo reconhece a simetria dos seus dotes, o que é pouco vulgar no jornalismo; mas descreve com limpa e leveza, através metidos mal as suas recordações e, sem ambíções nem pedantismos, oferece aos leitores de um espírito simples e honesto que revivem sem complexos o tempo que por ele passou. Rafael Ferreira não julga nem afirma; não põe sentimento vigoroso na visão espectral do tempo ou dos homens, não se situa como personalidade nos acontecimentos. A obra é modestíssima, mas de comovedora e humana simpatia.

«RIO TURVO E OUTROS CONTOS», por Branquinho da Fonseca

O autor de «Caminhos Magnéticos» ocupa na arte contemporânea do conto um lugar discreto mas que o tempo há-de consagrar seguramente. A sua capacidade de prosa do viril, nítido, sem o menor respo, amaneirado nem veneração por qualquer moda, alla-se a uma fantasia serena e de penetrante addivinção da vida; e na sua arte palpita ao mesmo tempo, sem que a inteligência do escritor os deixe revelar ao nível do retórico, um sentimento vigoroso da natureza e um amor da humanidade que não precisa de se declarar para se descobrir. As qualidades que pôs na poesia de «Mar coalhado» — a simplicidade, a expressão directa da vida interior, o laconismo das imagens, o gosto da frase certa e precisa — transporta-se Branquinho da Fonseca para o conto, na maior força das suas possibilidades. A uma primeira impressão de secura, de dureza na representação do real, vem sobrepor-se pouco a pouco, com uma arte aliantada, as pequenas notas de delicadeza, de ternura, de simpatia humana que acabam por absorver o espírito do leitor.

É esse talento nato do contista que vemos com plentude neste volume «Rio Turvo». Talento nato, com efeito, porque esta obra de Branquinho da Fonseca exprime com tão sóbria ver-

dade, com tão escrupulosa fidelidade à índole da ficção que cria, com tanta inteireza de tipos, a sua compreendido generosidade e máscara da vida. Não conheço o volume de teatro que publicou; mas não errarei addivindo que o mesmo se encontra demasiado preocupada com o espectador das cenas representativas se perde de vista a beleza e as exigências de fidelidade que o contista tão fortemente preserva e exprime.

Dois outros volumes o mais forte, mais perfeito, mais completo, parece-me ser «O Barão». Há nele uma aroma que não se encontra em literatura de tragédia recente e hirta símbolo da natureza — natureza impregnada antropocentricamente, como a mitologia grega — que impressiona e empolga.

Entre tanta produção incedis, frágil, constantemente desviada da inteireza de um estilo e de um drama individual ou social, que se depara nas letras portuguesas, estes contos de Branquinho da Fonseca constituem um depoimento sólido de personalidade artística. Bê ocorre lembrar, depois de ler estes contos, de redacção (modo de estilo, repare-se) que o autor de «Rio Turvo» poderá sentir facilmente o desconcerto e transcendência que atingem certos diálogos.

De tudo mais se pode esperar que Branquinho da Fonseca consiga juntamente na literatura novo deste país um facto que poucos merecem como ele.

«CALENGA», por Castro Soromenho

A obra já publicada de Castro Soromenho constitui uma animadora experiência de representação literária do ambiente africano. Ao contrário de tantos outros escritores do género, mesmo dotados de real talento, que se limitam a sobrepor a sua compreensão europeia da vida africana, mesmo a nível do primitivismo, o autor de «Noite de Angústia» sabe partir do negro para representar a realidade africana, e não da alma ingénua e surpreendida do primitivo exprimir a paisagem, o ambiente e os estímulos da consciência. Não se pode dizer que seja apenas fruto de experiência esta virtude do artista que melhor nos conhece o negro; é também uma qualidade intelectual essencialmente crível que o autor sabe aproveitar para mundo de pois de o ver de fora. Depois de ver, o autor de «Noite de Angústia» de Faust Duarte, de um desaparecimento literário, ninguém exprimi melhor uma genuína arte colonial. Mas Castro Soromenho é ainda mais rico, pela segurança do seu estilo e a largueza da sua representação formal — mais arte no pleno significado do termo. «Calenga» demonstra o mais uma vez, tanto no conto eloquente que tem esse título, como na história da criação do país dos lundas, etal como eles a cantaram a Henrique de Carvalho, o grande explorador, e eu a ouvi nos sertões». O primitivo tem não só a sobriedade, a segurança e expressão uma história de aventuras entre primitivos como se sabia com «piping» a segunda, na largueza dos seus cinco quadros, é uma visão aliente desca da história social e política do negro ardente dos povos primitivos que os «europeus raramente chegam a compreender». Seria impossível, em muitas vezes, que Castro Soromenho não dilatasse em tão grandes símbolos literários os seus quadros de vida em ambientes indígenas — perigo de exuberância retórica em que a sua arte não se perde. O autor de «Noite de Angústia» que pretende fazer addivinhar excessivamente. Nem sempre e nem em tudo se pode significar a sua literatura que André Gide exprimi em «Les faux monnayeurs»; é preciso dar crédito suficiente à criação do leitor. Não é de crer que isto deturpe o seu justo desígnio. Entretanto, a preocupação de uma natureza e humana da África como se a vissemos através dos olhos dos seus negros.

Em tudo mais, «Calenga» fica bem à altura do merecido êxito que conquistou. «Noite de Angústia». Poucos escritores do género, em qualquer parte do mundo, se podem comparar a exprimir em obra de grande construção e expressão que tiveram do mundo primitivo.

JOSE BERGAMIN E O SEU SONHO SUSPENSO

CONTECIMENTOS muito actuais e expectativas análogas que passam certos nomes que passaram como meteoros pela atenção do mundo culto e do mundo da cultura humanista depositam mais esperanças, há alguns anos. O ensaísta José Bergamin, a despeito das personalidades complexas que foram abidas de uma grande missão humana por circunstâncias históricas e pessoais tiveram responsabilidades, mas cujo exemplo não deve esquecer-se. Por volta de 1930 Miguel de Unamuno leu uma série de ensaios de um antigo discípulo, Bergamin, e reconheceu nas páginas do «Nuevo» um comentário que surpreendeu pelo entusiasmo os que estavam habituados a «encrenhar» o mestre de Salamanca a crítica mais exigente. Filho de um grande advogado madrileño da arte e do pensamento da monarquia, José Bergamin, conduziu daí em diante um movimento intelectual em sentido do «Nuevo» ao seu brilhante e sincero ideal. Por volta de 1934 José García Leizaola Rafael Alberti e aquele jovem ensaísta as figuras mais destacadas na renovação da arte e do pensamento espanhol. Começou por essa altura a publicar os seus livros, «Itinário que fomos e careamos», «Espanha e o seu labirinto», criando na sua geração um lugar que nem

todos compreendam: a aceitação das exigências sociais dos tempos novos à luz da inspiração cristã. Andou mais tarde pela França, Bélgica, Inglaterra em jornada de conferências que a sua figura doce e tran-



quila de aseta iluminava com uma significação estranha. Vêlo depois a grande sombra da guerra mundial e não mais nos chegaram os ecos do apolojado generoso de José Bergamin.

ENSAINDO AS GERAÇÕES...

GENERALIZOU-SE, entre nós, a criação de cursos por correspondência. Qualquer cavalheiro, com prática de balcão, pode arrumar a vida como guarda-livros, que para isso há institutos, com técnicos especializados, cátedras de estatísticas prontas a espalharem a ciência, com a cumplicidade dos correios.

Não é impunemente que os anos passam — e o progresso se acentua. O aluno, em casa, pagando as propinas por vale do correio — e fazendo até exame em qualquer edificação divertida da capital, poderá vir a marcar, como contabilista — que, para isso, a escola, superlucidamente autorizada, lhe passa o respectivo diploma.

Pode o cavalheiro viver, solitariamente, num recanto do Minho ou estar mesmo a residir, uma temporada infeliz, no palácio da rua Marquês da Fronteira — nada disso interessa. O essencial é que seja aplicado, responda às lições e pague pontualmente. Para modistas também há cursos — chapéus, roupas de balco e talhe de alfaiate.

Esses cursos, porém, são mais pomposos. Ao princípio, modestamente, eram só: escolas superiores do corteal. Depois, alargando os quadros com professores de meadas de alinhar ao peacock, passou a denominar-se Universidade da Teouira. Evidentemente, este é útil. Com as costureiras feitas em série — e os guarda-livros por correspondência, qualquer dia nenhuma mulher precisa de mandar fazer um vestido — e qualquer engraxador de escada sabe fazer elancamentos.

É bom que se democratize esta ideia — de se aproveitar o tempo em aptidões. Em vez de cada um ir palpar para o café ou discutir no bilhar do bairro, fique-se em casa, no aconchego da família, decifrando as lições vindas pelo correio.

Isto, porém, que não constitui novidade, veio agravar-se ultimamente com a concorrência desonesta de novas modalidades, fabricadas nacionalmente, com espírito inventivo enxertado da América. Já se não trata, é bem de ver, de adestrar vocações ou tornar aptas qualidades de trabalho. Não. O caso agora é outro. De jornais têm publicado ultimamente anúncios em que se chama a atenção para a forma simples de se ganhar dinheiro, mesmo sem se sair de casa — e que talvez queira dizer, sem levantar o corpo preguiçoso da cama. Indicam-se verbais, com pequenos diários ou mais. E com que maná se vai alimentar um rendimento desses? Com indústrias caseiras — receitas de xaropes, águas de colônia aldrabadas com anilina. Um outro curso académico — esse vem em espanhol — torna possível cada um vir a ser um bom técnico, desde o concerto de pára-ros ao enchimento de pneumáticos. Bendito progresso! A vida, grande escola, tem muito ainda para aprender. Ainda agora vai na fase primitiva: isto é, o homem aluno.

É o que será amanhã, quando já a criança no berço pega os discursos de Descartes para não dormir, ou a teoria do Sr. Freud para provar que ele, relativamente, erra?

Slim — por este andar o saber humano deixa de ter interesse.

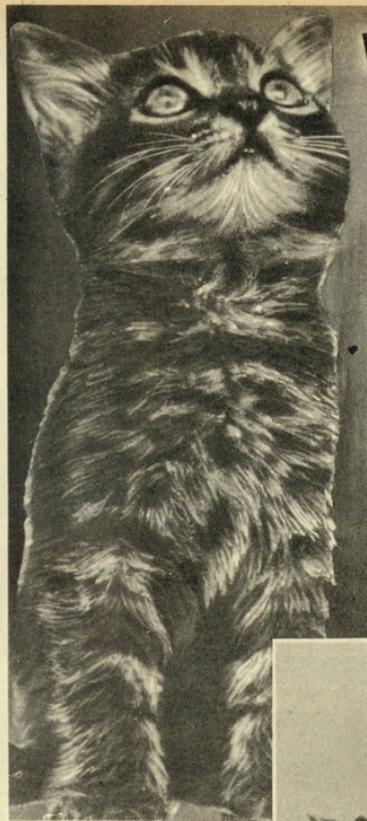
Na moda dos dentes qualquer bobé é aborla e capeloto de três Universidades — e tem cadeira na Academia. Na idade de ir para a tropa — entra na immortalidade, e deixa-se fotografar ao lado do monumento erigido junto à casa onde nasceu. Resta dizer que, nesse mundo, possivelmente atômico, as únicas pessoas que gozam de prestígio são as analfabetas.

As outras não. Qualquer caixeiro de loja tem, pelo menos, duas polêmicas sérias — e um cálculo trigonométrico. As mulheres são todas artistas. O piano, a Rádio, o cravo — são os supremos castigos usados pela polícia para reprimir os excessos de cultura.

O mundo, nessa era atômica, estava absolutamente revirado. Chovia de balco para cima — e o sol vendia-se embaralhado em celofane, como as faturas. As noites laurentas — eram só servidas com melá dose — e o sistema solar, curado do nervoso, estava fixado a cimento armado.

Quem tinha operado esta extração — viria ao mundo?

MANUEL MARTINHO



SUA MAGESTADE
O GATO

por Jorge Ramos

é uma das características em que se enraíza essa espécie de força moral que os gatos deviam ter partilhado com os primeiros filósofos de Atenas — sem dúvida mais cultos mas menos experientes. A vida é uma batalha. Vencem os mais espertos, isto é, os mais fortes.

Le-se nos olhos do gato esta ciência positiva que repele o abstrato e se confina claramente, não em aparências sutis, mas em realidades vivas. A sua luta pela vida resume-se em almoçar, conforme as circunstâncias, ou um rato ao canto de enlameada viala ou um pres de leite sobre almofadas de seda. O homem entrega-se ao mesmo combate — mas encarnadamente e com insaciável apetite. Não descansa. Digere, mas pensa. O estômago depende do cérebro. No gato o motor cerebral está na dependência da máquina digestiva. Ventre satisfeito com pouco, o gato faz a mais fácil das digestões, enrolado na fofa preguiçosa dum sono tranqüilo. Comer e dormir são as duas necessidades mais imperiosas da existência dum gato, esse enorme pachá do Oriente, lúcido, eléctrico, nervoso, como lhe chamam Junqueiro na «Musé en Péris». A sua personalidade baseia-se na força; esta é o código imutável do seu direito. Quem melhor unhas tiver é o triunfador. Não reconhece a propriedade alheia nem essa teoria de legitimidade que justifica deveres e organiza a tribo. É Ele autoritariamente, dogmáticamente Ele: Despreza as virtudes clássicas, as sentenças de Sa-

(Continua na página 14)



Aqueles olhos parecem querer hipnotizar o canário, que está lá em cima no gaiolo. Que rico manjar, hein!

O gato é independente e individual. Detesta a comunidade e a multidão. Aprecia o seu bem-estar e conforto, alheio às preocupações dos outros, às lutas, àsilusões, aos esforços e desejos em que estes se consomem. Não o incomoda que seu irmão de espécie passe fome — conquanto ele tenha umas mais hábeis ou oportunidades mais felizes.

As suas únicas preocupações são comer para viver, procriar sem pagar tributo a velhos sentimentalismos, e sem se incomodar com o aumento da população e as contingências do espaço vital. O seu desdém pelas misérrimas aspirações humanas



Com os crianças é um manserrão



Até o frio suporta — ele que é tão frio-ralento! — a esposa da velhinha protectora que lhe leva todos os dias as sopas.



Alerta! Ando rato por ali perto!

SIRVASE, sirvase, sirvase de mais um bolinho... E uma chávena de chá? — insistiu Leonor com ar brincado, entre facto e sério. — E que não come mesmo nada! Estará a fazer certidmã? Levava-lho a mal...

Tinha necessidade de lhe desviar o rumo da conversa, de lhe quebrar a toada quente das palavras que a sua voz cálida proferia com mal disfarçada comção.

E que Leonor tinha a percepção nítida do perigo mal definido que pairava latente naquela saleta conchegada, batida pelo sol das cinco horas que dava ao ambiente lânguida e fôfa temperatura de regalo.

Ele, era certo que se mantivera tudo correção, sem que uma palavra, vaga que fosse, recordasse o que houvera entre ambos. Lembra-se, sim, e de forma velada, os seus tempos de criança, as correrias de amos pelos terrenos lavrados da Quinta da Freixianda, as estadas na praia, os passeios a cavalo.

Crianças. Mas o brilho dos seus olhos, certo luocetro que bojava neles e eram o vivo espelho do seu mundo interior, tudo lhe garantia que estaria preste a recordar-lhe outros tempos menos inocentes por menos longínquos também. E Leonor, sem lhe saber porquê, queria evitar esse momento, distraí-lo, pelo que lhe falava de mil nadas que entremetava de límpidas gargalhadas com muita intuição feminina, muita presença de espírito, alcançada sabe Deus com quanto de esforço e de simulação...

Ergueu-se. — Que calor! Ufff! Abafa-se positivamente, parece Verão! — foi dizendo, enquanto abria a janela de par em par. Uma lufada de ar morno entrou na sala como branda carícia de arminhos.

Em baixo, nos canteiros do Jardim, as rosas eram mancha alacre de viciadas e macias côres.

Os mil ecos da cidade rumorejavam mais nítidos então. Pelos beirais, andorinhas chilreavam na faina dos ninhos.

E ao fundo da sossogada e burguesa rua, em cujos pórticos ladrilhados os passos dos Faros transeuntes ressoavam com apressados e estalados ecos, o Tejo refúgia de sol e de azul — o mesmo sol e o mesmo azul que tudo envolviava e tudo impregnavam de langores primaverais.

Dia propício a crimes de imaginação.

— Que coisa estranha, a Primavera — ciciou Junto dela Fernando. Há em todo este aral um grande mistério da natureza...

Leonor sentiu vinda a tentação de lhe perguntar que mistério era esse, mas quando se para lhe atrair em tom quehlofero:

— Ora... Isso é poesia...

Ele ataihou complacente, com vagares na voz, mais para dentro de si do que para Leonor.

— Sei que o que acho de dizer sobre ser banal é romântico, mas...

— Ah, tem a noção do ridículo em que caiu; ainda bem que o reconhece...

Ele tornou, depois de soprar o fumo do cigarro:

— Reconheço, é verdade que reconheço; mas sempre lhe quero dizer que com ridículo ou sem ele, é certo que toda esta fôrça da natureza é um grande e profundo mistério.

— Isso é panteísmo. Não lhe conhecia o traço.

— Como queira, mas reconheça, vá, que é a natureza a impor-nos o seu domínio. Sentimos-lhe ou não os efeitos? Convenha que sentimos, embora seja ridículo confessá-lo. Encadeamento de paradoxos...

— Não ouviu de Leonor apenas a palavra aparádoxos ficou a paílar.

Paradoxos... Paradoxos...

Em verdade, quanto de paradoxo existia na vida.

Era a segunda vez que Fernando vinha à sua casa, se sentava, depois de muitos anos, na sua frente, perto do sol.

E tudo porquê e para quê, afinal! Nem sabia bem a razão por que consentira que viesse. Deixara-se vencer ao sabor do acaso sem querer pensar, presa, talvez, a vagas reminiscências de tempos idos, de tempos que haviam passados e não voltavam mais — não voltavam mais.

Odiara — para, afinal, ali o ter acar. presa da sua voz cheia, arca dos seus olhos claros, amortecidos, sim, pelo tempo que não perdou e nunca passa sem deixar certo eco.

Dessejava já ouvir-lhe palavras de afecto, mesmo de ternura — e evitava que lhas proferisse, temendo-as como um pecado de longe concebido e agora realizado.

Porquê? Era um querer e um não querer ao mesmo tempo, detestando-o agora



PARADOXOS

para logo o desejar ora meigamente, uma saudade viva, um íntimo borbulhar de lágrimas a custo sufocadas na garganta.

Não! Não podia suportar por mais tempo aquele dualismo, aquele recalco de fingir. Arrancaria a máscara e mostrar-se-ia tal qual era — mulher! — «Aqui me tens! Porque não me apertas? Sou tu! Deixa-me sonhar ainda!».

Para quê preconceitos? Para quê falsos pudores? — Se foi tudo isso que lhe estragou a vida, e para ali a deixou a gastar-se sem finalidade e sem rumo!...

Ah, se tivesse estado lutado pela sua felicidade... — sim, porque a felicidade também se conquista — se tivesse corrido a ele, teria vencido. Teria vencido porque o homem só se dá inteiramente à mulher que ama, e ele amava. As outras vendem-se, alguma, mas não se dá de vero e sentido amor.

Expressão. Teria vencido porque a consciência bem a acusava, bem lhe perguntava: «Que fizeste tu? Cruzaste os braços e choraste a tua negra sorte, não foste? A culpa é tu e só tu. Escuta: «Cessa de lamentar o que remediar não podes e estuda o meio de remediar o que lamentas». Foi isso que fizeste? Ah, que não foi!

Ergueu então para ele os seus olhos verdes, o rosto sem máscara, real, tal qual era, embora com o signo de uma grande e cansada tristeza a vincar-lhe a doce e terna expressão.

— Bem afectações, proferiu: — Tem razão, Fernando; é certo que existe um grande mistério neste azul da Primavera, mas nós é que já não podemos senti-lo. Os anos rolaram. É preciso ser-se Primavera para sentir a Primavera. Não teréi razão?

E como o visse abanar a cabeça em sinal de desacordo — Ah, tenho, tenho. Pudeámos nós voltar aos nossos vinte anos... Mas onde vai isso, Jesus!

Ela, como se ver-lhe assim o olhar fundo, mas tão calmo como logo onde a verdade andasse por toda a parte reflectir, certo de que lhe queria ainda com termo e arreigo affecto, passou-lhe então as mãos à volta da cintura agora deformada — aquela cinturinha que fóra anel de vespa — puxou-a a si, estreitou-a num grande e apertado abraço, peito contra peito, face contra face. E de lábios tremelantes e secos, o pensa-

mento perdido nos abismos do infável, se deram as bocas num beijo de muitos anos recalcado, profundo, nervoso, resfolegante, narinas dilatadas como se quisessem sorver todo o mistério que pairava naquela tarde quente de Primavera.

Seus corpos, porém, já se em virtuosidade nervosa e já de vergonhosa florida, depressa amoleceram e se deseniapluraram de cansados.

Pecaram de mãos nas mãos, abstractos, por ventura assombrados de si mesmos, pasmados das sombras que neles viviam e já nenhum só primaveril as podia inteiramente dissipar. Fernando tomou-lhe a alda a cabeça vergada para lhe trazer ao seu ombro. E pôs-se a dizer-lhe muitas e lindas coisas.

Quería que nas suas palavras passasse ainda juvenil e quente fresnel; mas saíam-lhe banais, cansadas e falsas como as jóias falsas, sem canteilha que as aguçasse.

Reagiu pondo na voz ternas inflexões.

— Não, Leonor! Nós ainda somos Primavera. Agora é que nos sabemos dar com toda a grandeza de alma, como seres conscientes que somos. No nosso corpo a seiva já não morreu ainda, existe, perdura tão real como o nosso amor. Ela desprendeu-se-lhe com brandura. Passou a mão, que tremia, pelas fronteiras, olhos remolchados e tristes. Olhou em volta, apeteu a mão no espaldar de uma cadeira e sentou-se por fim com grande enfado, como se viesse de longa e fastidiosa jornada.

Ele voltou a tomar-lhe as mãos, a ciclar-lhe:

— És minha! Sou teu! Que há que não possa separar? Em cada hora a vida reconece. Diz-me tu também.

Não o ouviu.

Teria, acaso, a vida recuado, voltado aos tempos em que foram novos e se amaram com a sofreguidão dos vinte anos?

Tanto que se quisessem então, quando a vida se lhe entregava em toda a sua pujança, repleta de mil sonhos, de mil quimeras, que por ser-vos quisessem, não deixam de ser vida e de encantar.

Estavam então novos, casariam depressa.

Depois... Outra mulher se meteu de permelo. Inútils. Cartas anónimas que não

(continua na página 16)





4 CONFE- RÊNCIAS

Os escritores D. Emilio de Sousa Costa, Dr. Sousa Costa, prof. Mendes Correia e Assis Esperança, na Casa dos Beiros, Ordem dos Advogados, Casa do Distrito do Porto e «Voz do Operário».



Hoje há leilão de peixe!

POR MANUEL MARTINHO

Evê-las, de manhã, num corropio, meneando os quadris, as canastras buloicando na cabeça, como ligeiros barquinhos. Vêm de Alfama, desses pátios estreitos e escuros, verdadeiras colmeias, onde o sol espregata a custo — e da Madragoa, mais clara e ruidosa, namoradaira do Tejo, no alto das suas calçadas a pino. A varina, em Lisboa, é um pregão — é uma nota cantante com pitoresco e graça. As chinelas espontadas, as salas de roda, o grosso grilhão e aquele ar atrevido, zaragateiro, de quem não tem papas na língua. Hoje, porém, raramente se encontra essa varina — porque o negócio do peixe deixou de pertencer exclusivamente à Fonte Santa, Madragoa ou Alfama, para ser feito por gente de todos os bairros — por varinas de ocasião.

Vêm-se por aí, pobres e sujas, de blusas esburacadas, sofredoras das grandes caminhadas, com carregos à cabeça, apregoando a sardinha fresca, a saltar.

Lisboa alegra-se com esses pregões.

E, sobretudo, nos bairros populares, onde o dinheiro não abunda, a canastra da varina vem alvoroçar a vizinhança — que desce à rua, mesmo em trajos de casa, a apreçar o peixe. E esta compra um quarteirão, a outra quer meio cento — e, num desembaraço de língua e mãos, jurando e rejurando que mais caro lhe saiu o peixe, a varina vai aviando — com mais uma para o gato.

O pior é quando chega o pollice, de mãos atrás das costas, com o olhar fiscalizador.

— O senhor guarda! Não me demoro nada, é um instantinho...

Elas não podem fazer da via pública mercado e banca de negócio. Lá que corram as ruas, apregoando, está bem.

Pagam a sua licença, à saída do Frigifício ou da lata.

E o que é isto da lata?

Toda a gente a conhece — ou, pelo menos, faz uma ideia como aquilo é.

A beira do Tejo, no cal, faz-se todos os dias o grande leilão do peixe.

E tem interesse ver a grande algaravilada que as varinas armam, umas com as outras, os insultos que trocam, espicadas pelo negócio, quando é da arrematação.

Claro que aquelas varinas já pertencem a outra categoria.

Não andam de chinelas ou de sala de baeta, algumas têm permanente, unhas pintadas e sapatos com sola de cortiça.

Enfim, a moda também se introduziu naquele sector.

O peixe chega em cabotes ou carregado nas padoleiras, e é ali despejado, feito em flocos.

Junta-se aquela barulhenta turba em volta da pregoeira — geralmente uma varina velha, com longa prática, que os azares da vida fizeram perder a banca rentosa.

Num relance, ela lê nos olhos dos presentes quem lhe interessa comprar o peixe.

— Trinta! Cinquenta! E três, e cinco...

Nunca pára. O *chui!* — é o arremate. A *teca* está vendida. Paga-se ali mesmo, dinheiro bem contadinho.

E mais adiante faz-se a divisão do peixe por aquelas que o hão-de ir vender pelas ruas da cidade.

MANUEL MARTINHO

DOIS LIVROS



"PATAMAR"

Por
GUEDES
DE AMORIM



"CALENGA"

De
CASTRO
SOROMENHO

Guedes de Amorim, jornalista e escritor de afirmado talento e reais qualidades de trabalho, senhor de vasta obra que o público e a crítica têm acarinhado como merece, deu-nos agora «Patamar», um valioso livro de contos, destinado, decerto, ao mais completo êxito.

O público fiel ao incansável e brilhante escritor vai ter, em «Patamar», um novo motivo de admiração por Guedes de Amorim.

É um livro de contos, este novo trabalho de Castro Soromenho. Mas de contos «passados na misteriosa África, que o escritor conhece e sabe auscultar como poucos. Cada conto é uma água-forte da vida africana, um quadro sempre rico de beleza e fiel de observação.

«Calenga» é mais uma pedra no edifício, já seguro, da obra literária de Castro Soromenho.

Um aspecto do funeral do grande poeta Afonso Lopes Vieira



Continuaram, há dias, as visitas dos vereadores da Câmara Municipal de Lisboa a algumas obras em curso na cidade. A foto dá-nos um aspecto da última visita, que começou às nove da manhã, em Algés.



Aspecto da distribuição de enxergas pelo Socorro Social, em Xabregas

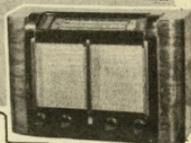


A Ala do Santo Condestável e o Ordem Terceira do Carmo comemoraram, com várias cerimónias religiosas, o 28.º aniversário da beatificação de Nun'Alvares.

RÁDIOS DE SOM MARAVILHOSO!



LANA TURNER



CABA

José Costa

AGENTE OFICIAL DE
TODAS AS MARCAS DE
RADIO

RUA DE S. PAULO, 11-13/LISBOA/TEL. 2 4883

As melhores obras...



...dos melhores artistas

Estão expostas na

GALERIA

*** A MOLDER**

RUA 1.º DE DEZEMBRO, 101-3.º — TELEFONE 21514

COVILHÃ SOB A NEVE

SOB o mais forte nevoeiro que há memória, a Covilhã parece uma cidade branca! Pelas ruas, só transitam os que não podem ficar em casa. E os eskiis passaram a ser o precioso auxílio dos comerciantes, industriais e funcionários — que têm onde estar a horas...

Brigadas do Município e da Junta Autónoma das Estradas trabalharam, incansavelmente, para abrir caminho não só nas ruas da cidade, como na estrada de Castelo Branco à Guarda, numa extensão de cem quilómetros,



A Torre de Belém

(Continuação da página 3)
dos a mesma epopeia do mar. Sobre o Tejo azul, a velha torre é uma sentinela.

Diz-se-la que está ali postada para guardar a nossa soberania marítima como farol grandioso, iluminado pelos séculos. Tudo tem sido a torre. Desde quartel, sem tropa, a masmorra com presos. Nos subterrâneos da velha torre, onde a água chega à cintura dum homem, sofreram muitos presos. Ali só o mar fala a sua rude linguagem. No mastro alto, a bandeira portuguesa, a tremular, é um sinal de soberania venerado pelos barcos que chegam. O mar continua a ser o único vizinho amoroso da torre.

Brinca, aos seus pés, nos bancos de areia — que o areal espalha-se, por ali fora, ao Forte do Bom-Sucesso, a dois passos.

E a Torre de Belém continua, altiva, vigilante, sentinela vigiando a glória das nossas epopeias marítimas.

Sua Magestade O GATO

(Continuação da página 7)

lombão e os lugares-comuns da imposição humana.

Não dá o menor valor prático aos conceitos da piedade, ao catecismo da resignação, à fraternidade universal. Se lhe baterem não vai agachar-se, tímido e confrangido, a um canto; refilha, estende as garras, mostra o dente, e só se não puder é que não tira rápido o tremendo desforço. O gato é, no fundo, um animal feroz semelhante aos homens de génio. A tão elogiada lealdade do cão para com o homem deve ser considerada pelo gato uma subserviência indigna. O gato detesta o convencionalismo da adulação. É grave, sério, reflectido, circunspecto... Quando se diversifica não o faz para divertir os outros, mas unicamente para se distrair à si próprio com um sentido muito particular que lhe confere a sua qualidade de felino. As suas manhas, onde há qualquer coisa de hiena destemida e de raposa sábia, garantem-lhe inteligentemente um lugar privilegiado entre os hábitos da terra. Facilmente encontra quem lhe abra a porta e lhe esfogue o dorso ondulante...



A PRONTO ou a PRESTAÇÕES

Esquentadores — Banheiras
Roupeiros e todos os Artigos de
Casa de Banho — Fogões e Co-
fegares de gás, nacionais e es-
trangeiros. Fogões de Lenha, em
ferro fundido esmaltado — em cha-
pa, muito económicos — Louças
sanitárias — Messas para cozinha

BONITOS CANDEIROS
TELEFONIAS

J. COSTA & SILVA, L.^{da}
Rua Arco do Balseiro, 79 - 1.^o
LISBOA — Telef. 2 6713

PRODUTOS
DE BELEZA



Rainha da húndria

O ENCANTO NATURAL DA
MULHER QUE QUERE CON-
SERVAR A SUA BELEZ!

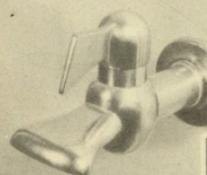
LISBOA

CASA DAS UTILIDADES

Sortimento completo de Artigos de Ménage
Louças, Vidros, Talheres de tôdas as qualidades
Fogões para aquecimento, etc.

Artigos próprios para brindes, Sorveteiras, Cêra
para oleados, Vassouras, Espanadores, Serviços
de metal para mesa. Preços resumidos

52, RUA IVENS, 54 LISBOA Telefone 2 8612
(CHIADO)



**TORNEIRAS
TAGO
FICOLL**

EVITE
as incomodas e aborrecimentos
utilizando em sua casa
as Torneiras
TAGO

TORNEIRAS PARA TODAS AS APLICAÇÕES



Teodora

APRESENTA A
MAIS RICA
COLEÇÃO DE
PELES E CON-
FECCÕES NOS
SEUS ESTABE-
LECIMENTOS
DAS

**RUA DO CARMO, 29-31
RUA DA PALMA, 117-121**

TELEFONE P. B. X. 20784
LISBOA

É PRECISO NÃO ESQUECER O PRÓXIMO CENTENÁRIO DE RAFAEL BORDALO.

No dia 21 de Março de 1846 nasceu em Lisboa — na Lisboa romântica do suspiro e de sala de baílo — o grande artista Rafael Bordalo Pinheiro. No próximo dia 21 de Março professa-se, por consequência, um século sobre esse nascimento illustre. É necessário que aquela data não passe despercebida. É necessário que se não esqueça a comemoração do centenário de Rafael Bordalo. Estamos a menos de dois meses do acontecimento — e eu permito-me lembrar aos portugueses, por sua natureza retardatários, que não há tempo a perder.

Lí uma vez que, se a superioridade intelectual constitui realmente uma nobreza, poucas famílias poderão orgulhar-se de possuir mais fidalguia e mais raça do que a estirpe dos Bordalo. De facto, o velho pai Bordalo parece ter sido uma espécie de Apolo risonho e bonacheirão, de bigode e de afeições grisalhas, cuja ceneja de surfistas se comunicou, de certo modo, à família, aos filhos e netos, desde Rafael, Columbano e D. Maria Augusta até Helena Bordalo e Manuel Gustavo (para citar apenas alguns nomes desta dinastia insigne), dis-simulados tocados pela mesma nógrá. Mas, de todos os Bordalos, aquele em que o talento da estirpe irradiou mais vivo, mais variado, mais soberante, mais estuante, foi, sem dúvida, o Rafael. Caricaturista, jornalista, ceramista, decorador, industrial; ao mesmo tempo bom homem e filósofo, *dandy* e psicólogo; vestindo, com a mesma naturalidade, com a mesma convicção, uma blusa de operário e uma casaca de aristocrata; o encanto de muitas mulheres, a inveja de imensos homens, o terror de todos os políticos — Rafael Bordalo foi, durante trinta, quarenta anos, na sociedade portuguesa, não apenas uma das suas figuras mais representativas, mas uma das suas figuras mais temidas. Conta-se que, em certo conselho de ministros, sob a presidência de Fontes, em dois membros do Governo objecto, em determinada altura, acerca duma projectada reforma:

— O que irá dizer a oposição nas Câmaras?

— Imediatamente Fontes retorquiu:

— A oposição não importa. O que pode importar é o que dirá o Bordalo no António Maria...

Era assim mesmo. Rafael detinha, na verdade, a melhor de todas as forças, que é a do espírito — e a mais penetrante de todas as armas, que é a da ironia. Quando o caricaturista andava preparando o *Calcanhar de Aquiles*, *charges* admiráveis aos vultos predominantes da literatura e da política do seu tempo, encontrou, um dia, Alexandre Herculanu e pediu-lhe autorização para publicar a caricatura que dele tinha feito.

— Com muito gosto! — exclamou Herculanu. — Mas veja lá, o que é já estou desta idade...

Autadocemente, Bordalo tirou da

pasta a caricatura do historiador vestido de azeitoeiro ambulante, com um funil numa das mãos e as latas ao ombro, voltando as costas à Academia e dirigindo-se para o *Jerónimo Martins*, ante a desoladora expectativa dos seus colegas académicos. Herculanu não se conteve que não saltasse uma gargalhada, felicitou o caricaturista; ficou tendo por ele, não apenas uma viva estima, mas uma detida admiração, e, mais duma vez, lhe ouviram dizer, referindo-se a Rafael:

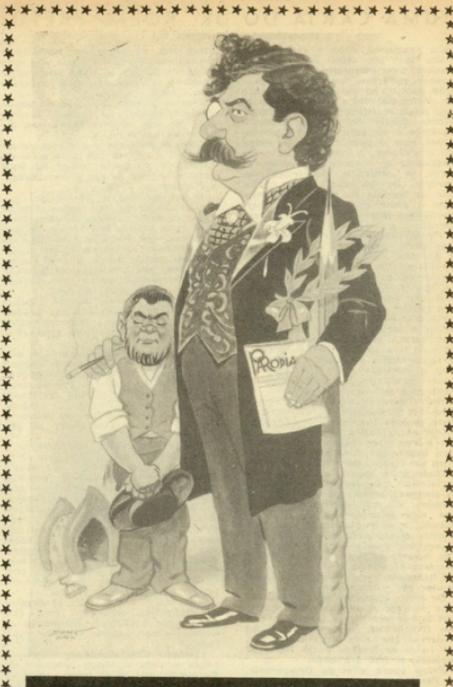
— Este rapaz possui duas coisas que é raro encontrarem-se juntas: graça e talento.

Esta afirmação, vinda do grave, do austero, do parcimonioso Herculanu, constitui o mais irrefutável elogio.

Bordalo começou por desejar ser actor. Chegou mesmo a representar, ainda que sem êxito apreciado. Desistiu. Matriculou-se, então, no Curso Superior de Letras. Assistiu a algumas aulas, fez algumas sátiras aos leitores — e voltou a trabalhar alegremente. Tentou a pintura para que logo também deparou os pinéis. O pai, servindo-se dos seus conhecimentos, e para ver se o filho ganhava juízo, arranhou-lhe o lugar de amanuense na secretaria da Câmara dos Pares. Rafael Bordalo amaneuense! Uma bela manhã despu a manga de alpaca, acendeu, revolucionariamente, um charuto — e quando ao dia seguinte a burocracia, E, entretanto, ele próprio o affirmava anos depois, entre irónico e sério:

— Se tenho continuado amanuense era, a estas horas, conselheiro de Estado!

Não, Rafael Bordalo nascera caricaturista. Havia de morrer caricaturista — e queis estava na massa de sangue. Quisiquê que fossem as vicissitudes da existência, era apolado ao seu lípis que ele caminhará pela vida fora. Desde o *Calcanhar de Aquiles* ao *Biseldor*, desde *A Berlinda* à *Lanterna Mágica*, desde o *António Maria* aos *Pontos nos II*, desde o *Album das Glórias* à *Paródia* — toda a sua obra, reflexo fulgurante daquele talento e daquela graça que Herculanu tão justamente apontara, constitui, em última análise, a obra dum caricaturista prodigioso. Não se observa melhor. Não se surpreende, com mais exactidão, com mais veia crítica, uma individualidade. Não se foca, com mais risonha filosofia, um acontecimento. Não dizer, tão exacto, dum dos seus biógrafos mais illustres, as suas eminentes qualidades de observador, a sua fantasia diabólica, a cintilação do seu lípis, o movimento, a intenção, a graça de todas as suas figuras, a originalidade das suas legendas e dos seus conceitos, tinham tanta expressão em Bordalo. Pinheiro para essa arte dentro da qual é preciso, ao mesmo tempo, ser-se um filósofo e um actor, um homem de letras e um artista: a caricatura. Mesmo quando falava, quando contava uma anedota, quando fazia um



MESTRE RAFAEL BORDALO PINHEIRO, visto por Santana

comentário — instintivamente, irresistivelmente, caricaturava. Contava João Chagas que houve tempo em que falar com Bordalo era rir constantemente, e o riso inteligente, perspicaz, objectivo, reflexivo, sério (digamos assim), nunca deixou de constituir uma das mais salutaras formas do bom-senso crítico. Não será exagerado afirmar que Bordalo detou abaixo alguns ministérios. Uma vez Hintze dirigiu-se ao grande caricaturista (estava então *A Paródia* em pleno êxito) e disse-lhe, numa intencional ironia: — Supponho que o Rei o vai chamar para formar Governo... Logo Bordalo, sorrindo por detrás do monedulo inseparável: — Não me admira, senhor conselheiro. *A Paródia*... somos nós todos!

Quando Rafael Bordalo nos surge, um belo dia, ceramista, enfiado numa

blusa de linho, e com as mãos lambuzadas de barro fresco, ainda era, de certo modo, o Bordalo caricaturista que nos surgia. Muitas das suas falanças possuem — o que lhe dá uma feição própria — muito de caricatural. Os seus stípos estupendos, modelados no honrado barro das Caldas, são caricaturas tão flagrantíssimas, tão vivas... que se mexem.

Por todas as razões, o próximo centenário de Rafael Bordalo não pode ser esquecido — e não será, assim o espero. Bordalo foi, como Eça de Queiroz, como Ramalho, um dos grandes valores da sociedade portuguesa do seu tempo. Deixou-nos um espólio admirável. É necessário que sejamos gratos à sua memória, curvando o joelho no seu culto — embora para isso tenhamos de voltar as costas... ao conselheiro Acácio!

LUIS DE OLIVEIRA GUIMARAES

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e curto para todos os casos de ECZEMA (bunitas de bebé), urticária, urticária, erupções, erupções na pele, etc. **ATE HOJE ANDA NÃO APARECEU COISA MELHOR**

A venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11500



UMA CARTA DO DR. ROLÃO PRETO

(Continuação da página 22)

meu ruralismo, logo o crítico concluiu ver em mim um temeroso Junker, uma emulação de grande senhor agrário... um feudalista... Que não tenho eu um dia a vista do crítico laboeta e estas serras para que possa rectificar o absurdo julgamento diante da minha mediania agrícola e do meu contacto permanente com o povo? De certo, longe de a almar, o crítico deceria ter entendido ao amor que proclamo à terra, o contrário do feudalismo agrário. De há muito, com efeito, os que feudais da terra lhe perdiam o amor, entregavam ao mercantilismo sórdido de feitores os rendeiros.

De há muito que eles vivem na sua maior parte em belas palácios à Estrada, nas Avenidas Novas ou no Estoril. Da terra de que eles não conhecem as angústias nem ouvem os apelos, só querem os proveitos que buscam por aí nas ruas a sua vaidade. Madrugadas frías, castiças asiáticas, gremios e geadas, isso é o longo rosário de sacrifícios que fazem a nossa paisagem rural. Num país de três sementes e tão grandes irregularidades de clima, J. Kayserling o constata, só o milagre do nosso ruralismo o tornou possível cultivar e povoa.

Outro erro de visão do crítico, e esse bem mais de estranhar num crítico, se bem que de traço de clareza crítica, é o erro que o leva a ser tão pouco compreensivo diante do meu inconformismo. Para um clero, com efeito, que maior virtude pode haver do que o inconformismo? Inconformista com quem, os sistemas, mesmo os mais alto inspirados, só me interessam naquilo que eles avançam de justiça ao mundo, e só enquanto se não mostram atropado a sua intenção. Não me quero a contemplar raios, mesmo as grandiosas. A vida é incessante marcha.

Ultrassar não é contradição, é andar em frente!

De certo, quando é preciso marcar uma posição, as minhas atitudes concretizam-se sempre, e tanto, que não as trincinhas, nas cadelas ou no decerto que elas orgulhosamente em todos os tempos e em todos os regimes, se têm afirmado.

Estou para além de Democracia, do Fascismo e do Comunismo? Estou hoje como já estava em 1933 quando no Parque Eduardo VII o afirmé. Essa insistência numa atitude prova a segurança com que foi tomada. Estou para além de todas as preconcepções partidárias na defesa da dignidade da Pessoa Humana. Os partidos, os sistemas, as próprias formações económicas — tudo ruí. Na grande catástrofe dos nossos dias não ficou pedra sobre pedra, mas ficou uma realidade mais radice e mais forte: Homem, Servir os destinos do Homem com esta ou aquela fórmula, correndo atrás desta ou daquela quimera, é o dever de nós todos. A for-

mula tem só um valor restricto e transitório. Ne sinceridade dos que cumprem um dever está o único valor absoluto, a única expressão superior dum ético.

Quanto a mim, nunca servi sendo voluntariamente, e nunca acetei, fosse de que poderes fosse, uma benevolência ou um privilégio.

Sirvo a grandeza e a dignidade do Homem, e afirmo que para além da catástrofe do nosso tempo há uma expressão pura da sua personalidade: o Homem no Povo.

O homem que se liberta das grilhetas de facção, das imposições da casta ou da classe, o homem livre, que recusando-nos ver o país dividido em comportamentos estanques com a sua verdade particular e a sua justiça particular, nos proclamamos homens livres procurando servir uma verdade e uma justiça para todos.

Pelo Povo em sua função e benefício procuro equacionar os problemas portugueses. Indelicadamente? Quem então o tem feito com mais firmeza?

Ainda em Outubro passado a ocasião se mostrou. De quantos vieram à estacada definiu uma atitude, qual foi aquele que mais do que eu marcou em termos concretos, terminantes e custosos o caminho de resgate social-económico do Homem indisplicado ao seu resgate ético ao seu resgate literário?

Mas o meu crítico não conhece a minha breve história feita por certo de muita incerteza e de muito passo perdido mas também de muito sacrifício e de muita angústia — sem nunca recuar a qualquer me render.

Não conhece, e por isso me julga tão pouco. Como não leu o meu livro, e por isso o condenou sem justiça. Se o leu não desistia de entender e respaldir todas as decepções, todas as queixas e todas as esperanças que nele teceu uma atitude sem nenhuma reserva, sem nenhum temor, virada para o futuro.

Mas não leu. Só assim se explica a irreverência, a ingratidão com que afirma que a "Tribuna Burguesa" se devia chamar apenas "traído capitalista".

"Traído Capitalistas se chamará então a todo o longo processo de desenvolvimento que se tem vindo a fazer, não é só quando a Burguesia se torna capitalista que se condena, mas sim mesmo quando não sendo capitalista atiração na cultura, nos costumes, na politica e até no seu corpo de fôrça."

De certo todo o capitalismo é burguesia, mas será toda a Burguesia isto, e o mal burguês consistindo doença das classes médias — será toda a Burguesia mere capitalismo?

Que Y. Sbrão Director me perdoe este desabafo em legitima defesa, e queira aceitar os agradecimentos do meu atento e grato.

ROLÃO PRETO

UMA CARTA DE LISBOA

(Continuação da página 8)

eram o não das suas próprias amigas, invejosas da sua felicidade.

Preconceitos. Lágrimas.

E tudo ruí.

E partiu para longes terras. Ela aí ficou entregue à sua fúria. Tanto que os anos correram! Tantas Primaveraes que floriram, que encharam de estívolos seu corpo quando seu corpo era então um pomo azedo, rico de setiva, vibrátil como ramo amadurecido em diaz anáxico ansioso.

Ergueu a face. O seu olhar não tinha brilho. O cabelo, que se lhe desprendera, cala-lhe em farrapos moles de algodão desfilado. Embraguesara.

O corpo tornara-se-lhe mirrado como raiú abeto. Os seios, de sovados, mal punham fôrça e achalado valto na blusa de seda branca meineira, que seus seios que foram arcos como dois límbos, puros de vida.

Ah, a vida... Por cima do sofá, contra si, o cristal do espelho aí estava a reflectir-lhe o rosto miudinho, a tender para a gelha, com cortante e impiedosa crueldade.

Então, tapando os olhos às mãos ambas chorou em altos e estremecidos soluços, sentidamente, convulsivamente, aquele último anseio da Primavera, que não era não um arremedo de felicidade tardia e gasta.

...Pora, nos beirais, riscando a claridade branca do sol, andorinhas chilreavam na falda dos ninhos.

FOLGADO DA SILVEIRA

Porta. O cinema nacional perdeu, igualmente, um dos mais devotados e autorizados colaboradores.

POETA E BINEIRA

(Continuação da página 20)

de Muel, para escutar o mar nos sons encobertos do órgão de bítios...

Anos depois, tornou a falar-se de Afonso Lopes Vieira, a propósito do Cinema. Era o projecto do documentário «Fátima», um filme que — nas suas próprias palavras seria «antes de mais nada, enciclopédia e quaternário», não propriamente de propaganda religiosa, visto que o tema cristão do Virgem se achou esvaziado em todos os lances delicados da História de Portugal. «Demais», acrescentava o autor de «O Pó da Rossa» — Fátima é criação, não da Igreja, mas do próprio Povo Português.

Este idocumenário espiritual não chegou a fazer-se. Mas estava escrito que Afonso Lopes Vieira havia de associar o seu nome ao Cinema, e que tão entusiasticamente o queria servir. Letido de Barros já indicara de Castro nos estudos de Espanha. E o dilectissimo problema da língua poderia resolver. Ele encontrou, de facto, esse português forte, claro e nobre — português sem data, português de sempre, formado e de certo, intenso e doce, vigoroso de olho e espada limpada. Nestas palavras Letido de Barros cabem intencionalmente das resfrescas da prosa do benemerito restituidor de «Amor».

A morte surpreendeu o Artista depois de ter concluído a revisão do texto de «Camões». O seu último trabalho literário fica, deste modo, gravado num filme. Portugal perdeu um



RELAMPAGO

DISTRIBUIDOR

para:

- Bahaira
- Lavradio
- Bidet
- Lava-Louça
- Lava-Roupa

Um RELAMPAGO é indispensável

TODA A DONA DE CASA, PREVIDENTE TEM DUAS PREOCUPAÇÕES:

O CONFORTO E A ECONOMIA DO SEU LAR

RELAMPAGO SATISFAZ ESTAS DUAS EXIGÊNCIAS

À VENDA NOS SALÕES

FÁBRICA PORTUGAL

Restauradores, 49-51-A, da República, 59-R, Febo Maniz, 1-10-R, da Graça, 92-84



A beleza faz a felicidade da mulher moderna. Para o conseguir use os produtos

Cliper

EXPERIMENTAR OS PRODUTOS

Cliper

SIGNIFICA ADOTÁ-LOS PARA SEMPRE

Para si, minha
senhora...

4 MODELOS ORIGINAIS DE
ARMINDA PEREIRA

Exclusivo de "Vida Mundial Ilustrada"



1



2



3



4

1 Original casaco ornado a «estranho». Um falso bolero forrado da mesma pele.

2 Moderno e elegante este casaco, quase inteiramente pregueado.

3 Fitolho de veludo é o único adorno deste casquinho.

4 Muito «chica» este vestido com o corpo e a saia inteiramente em folhos a jêto, dois dos quais bordados.

Arminda

DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXX

As conferências interaliadas

DEPOIS de Casablanca, enquanto, como dissemos, o Presidente dos Estados-Unidos seguia para o ocidente, o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha dirigia-se em sentido oposto. Não tardou que fossem reveladas notícias que davam conta da sua passagem pelo Egito e da sua chegada à cidade turca de Adana, onde devia realizar importantes conferências com os homens de Estado turcos. Dessas conferências deu conta o comunicado oficial publicado no dia 1 de Fevereiro em Londres e Ankara, no qual apreciavam revelados os seguintes factos:

«A seu pedido, o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, sr. Winston Churchill, em nome do governo de S. M. foi recebido como hóspede pelo governo da Turquia. A sua chegada, o sr. Churchill conferenciou imediatamente com o Presidente da República turca, que o recebeu em Adana. Os dois homens de Estado realizaram importantes conversações, que se prolongaram durante alguns dias, e às quais assistiram os seguintes homens de Estado e peritos, por parte dos dois países:

Pela Turquia: Shukur Saradoglu, presidente do conselho de ministros; marechal Fevzi Çakmak, chefe do Estado-Maior; Numan Menemçoglu, ministro dos Negócios Estrangeiros; Feridun Ekin, secretário geral; adjunto do Ministério dos Estrangeiros; general Çavuş Çakmak, chefe dos serviços aéreos do Estado-Maior; coronel Falah Kalabal, chefe da secção de operações.

Pela Grã-Bretanha, além do Primeiro Ministro, Winston Churchill, o sr. Hugh Knatchbull Hughesen, embaixador de S. M. em Ankara; o sr. Alexander Cadogan, secretário do Foreign Office; general Alan Brooke, chefe do Estado-Maior Imperial; general Matland Wilson, comandante das forças britânicas da Pérsia e do Iraque; general Harold Alexander, comandante das forças britânicas do Médio-Oriente; general Lindesell, chefe dos serviços administrativos das forças britânicas do Próximo Oriente; marechal do Ar. Drumond, e comodoro Dundas, chefe do Estado-Maior das forças navais do Mediterrâneo.

O PRESIDENTE ROOSEVELT DÁ A SUA APROVAÇÃO À REALIZAÇÃO DO ENCONTRO DE ADANA

Depois de enumerar as personalidades que haviam assistido às conversações de Adana, e cuja presença assinalava a sua importância o comu-

nicação dava, nos seguintes termos, conta do que nelas se passara:

«Foram confirmados os laços de amizade e camaradagem que unem a Turquia e a Grã-Bretanha, os quais pode dizer-se que saíram reforçados destas conversações. Do lado turco foi feita uma apreciação o justificação da política seguida pela «Grã-Bretanha» até esta altura, ao mesmo tempo que o Primeiro-Ministro britânico, em nome do governo de S. M., pôde zanhar aos homens de Estado turcos que essa política havia sido seguida com perfeita compreensão pelo governo britânico. Os homens de Estado turcos e britânicos examinaram, em seguida, a situação actual na Europa e, de maneira especial, naquelas regiões a que se encontram directamente ligados os interesses da Turquia.

Em relação aos principais pontos tratados, estabeleceu-se uma perfeitamente de vistas entre todos. Ao mesmo tempo, chegaram-se a acordo quanto às condições em que a Grã-Bretanha e os Estados-Unidos poderão auxiliar a Turquia e reforçar o seu sistema de segurança, devendo, a esse respeito, seguir-se conversações que tiveram lugar em forma de execução prática ao acordo estabelecido.

Tendo-se avistado recentemente com o Presidente dos Estados Unidos, o Primeiro-Ministro estava em condições de transmitir aos homens de Estado turcos os seguintes resumos do sr. Roosevelt, que recebeu com o maior agrado, a notícia da realização do encontro, que chegou a ser examinados alguns problemas relativos ao período do «post-guerra», em Adana. O sr. Roosevelt estabeleceu perfeitamente, depois destas conversações, que a Turquia tem, em Adana nos dias 30 e 31 de Janeiro, os homens de Estado britânicos e turcos que se dedicam tomam parte confiantemente e unanimemente a sua satisfação».

COMO CHURCHILL EXPOZ OS SEUS COMUNS O SIGNIFICADO DO ENCONTRO COM INONU

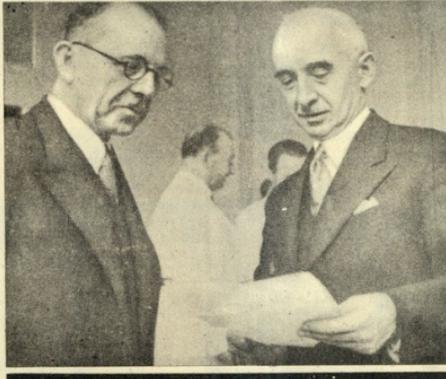
Notícias posteriores, publicadas em Londres, Ankara e Adana, dão a conhecer do avião que o conduziu a Adana, o sr. Churchill fora pessoalmente recebido e saudado pelo presidente Inonu. Como a Turquia era um país neutro, tecnicamente falando, não tratado assinado em Outubro de 1939, mas mantendo com o Reich relações de melhor amizade reguladas pelo pacto turco-alemão de Junho de 1941, foi necessário tomar rigorosas precauções protocolares a fim de impedir que o encontro desse lugar a interpretações excessivas.

Os comentários da imprensa turca que se seguiram à conferência não tiveram senão carácter essa cautela, que se justificava perfeitamente quando se considerava a situação da situação militar na península balcânica e na Rússia. Como é natural, as forças alemãs oquestradas pelo Ministério da Propaganda e orientadas pelo embaixador von Papen, inclinar-se a especular muito viva, acusando os turcos de se deixarem influenciar pelos anglo-alemães e ameaçando-os de reválua no caso de se confirmarem as suspeitas do Reich.

Por seu lado, os jornais Ingleses manifestavam um optimismo exagerado, que não se acompanhava de nenhuma, confirmado pelos acontecimentos. Usando da palavra na Câmara dos Comuns, em 11 de Fevereiro,



Mr. Churchill é recebido em Adana pelo Presidente do Republico da Turquia, Inonu, com quem conferenciou



Saradoglu, Primeiro-Ministro da Turquia, conversa com Ismet Inonu, Presidente do Republico

reio, para dar conta da sua viagem a Adana, o Primeiro-Ministro fez um discurso, que embora fosse claro, não se identificava com o ambiente de euforia prematura que a realização da conferência de Adana criara. Segundo a interpretação do sr. Churchill, tratava-se de um encontro normal, realizado no quadro da amizade anglo-turca, com o objectivo especial, perante a evolução da situação militar, de reforçar o sistema defensivo dum aliado que, embora possuísse um exército moderno e de excelentes tradições, não estava em condições de o equipar convenientemente, dada a penúria das suas indústrias de guerra e a consequente falta de material pesado.

NAO ERA DA GRã-BRETANHA NEM DO REICH QUE DEPENDIA, NO FUNDO, A DECISAO DA TURQUIA

Oferecem actualmente um interesse incontestável as declarações feitas nessa altura pelo sr. Churchill. Pela primeira vez, desde o início das hostilidades, tanto nos como os Estados-Unidos estamos em condições de conhecer essas armas. E, ao mesmo tempo, o nosso sistema de comunicações funciona pela primeira vez também, em condições de lhes poder entregar.

No nosso encontro de Adana não fiz nenhum pedido especial a Turquia, a não ser o de que esse material, que lhe vamos fornecer, deve

ser conservado em condições e que, para isso, uma missão conjunta dos dois países composta de peritos militares funcionará em Ankara a fim de que a aparelhagem técnica que assegura a defesa da Turquia possa funcionar em condições. Utilizando esse armamento e as facilidades de comunicações de que actualmente dispomos, é de esperar que o exército turco atinja o mais elevado grau de eficiência técnica.

Creio, neste capítulo, não nos seria possível ir mais longe. A Turquia é nossa aliada e nossa amiga. Queremos muito a esse país e desejamos ver o seu território com todos os seus direitos e garantias, devidamente salvaguardados. Desajamos, sobretudo, que se estabeleçam relações firmes e cordiais entre a Turquia e o nosso grande aliado russo.

A última parte desta declaração dá a chave do enigma turco que continuava, no meio das mutações caelidoscópicas do panorama da guerra, a constituir um motivo de preocupação compreensível para os dois grupos beligerantes. No fundo, não era das relações anglo-turcas nem das relações germano-turcas que dependia a decisão da Turquia. Essa decisão encontrava-se fundamentalmente condicionada pela possibilidade que a Grã-Bretanha ou o Reich tivessem de assegurar ao povo e ao governo turcos que a decisão que viessem a tomar implicaria o aumento da celebração da paz, que as divergências seculares entre a Turquia e a Rússia se resolviam sob o forma dum novo estado de coisas nos Estreitos. Mas essa possibilidade não existia e não chegou a ser criada no decurso das hostilidades.

(Continua)

APRENDA RÁDIO
POR CORRESPONDENCIA E CAJA DE PONTOS GRATIS

ACADEMIA NACIONAL DE RÁDIO
A. DR. MANUEL LARANJEIRA, 12-POB. 25

COMO FOI JUSTICIADO UM OFICIAL "NAZI"

(Serviço «International News Photos», exclusivo para «Vida Mundial Ilustrada».)



O assassino de vários aviadores americanos, o oficial «nazi» Frank Strasser, é confortado pelo padre católico Karl Morgenschweis, na prisão de Landsberg, Alemanha, antes de ser conduzido à forca.



A caminho da forca, o cortejo é chefiado por dois oficiais ingleses.



O assassino, já com o barcoço ao descoberto, ouve o descrito dos crimes de que é acusado.



Éis o fim de Strasser, o assassino de dois aviadores americanos.

“MISS AMERICA 1945” NÃO QUER SABER DE HOLLYWOOD!



Bess Myerson, «Miss America 1945», no seu «fomer» trono de beleza.

P OIS é verdade! Quando quasi todas as mulheres do mundo sonham com Hollywood e com as mil possibilidades de riqueza que ela lhes oferece, a menina Bess Myerson, vencedora do titulo «Miss America 1945», que ganhou em Atlantic City pelos seus raros dotes de beleza, declara que o Cinema a não atrai e que Hollywood lhe não interessa!

Bess Myerson não é uma rapariga vulgar que apenas a sua beleza guindasse a tão invejável triunfo.

Toca piano maravilhosamente, é exímia tocadora de flauta, nada, anda a cavalo, joga «tennis», e acima de tudo — pasmal, meninas! — é bacharel pela Universidade de Hunter!

Noutros países, se uma rapariga com um curso superior ganhase um concurso de beleza, seria o escândalo máximo do ano. Até mesmo porque ainda há quem julgue que uma rapariga excessivamente bonita não pode tirar um curso superior...

Pois esta gentilíssima Bess Myerson, flor de beleza morena, que toca piano e flauta, faz desporto e conhece os clássicos, ganhou o titulo de «Miss América», deram-lhe ainda um prémio «curtural» e cinco mil dólares

para se aperfeiçoar na música — pela sua interpretação, ao piano, do «Concerto em dó menor», de Greig, e do «Sumertine», de George Gershwin, em flauta.

Segundo afirmou aos jornalistas americanos, o Cinema não lhe interessa, e apenas pretende continuar a sua carreira musical.

Mais declarou que não quer casar — e tem vinte e um anos. Mas confessa que não sabe de cozinha — nem sequer estrear um ovo!

E, sabido isto, resta-nos descobrir se ela não quer casar por não se achar suficientemente preparada para ser uma boa esposa, se por recear que os afazeres do lar a inibam de realizar o seu sonho musical...

Em todo o caso, no mundo de hoje, em que quase todas as raparigas, mesmo sem ganharem um tão importante concurso de beleza, se julgam tentadas pelo Cinema, a attitude de Bess Myerson merece, de todas as mulheres, alguns momentos de respeito.

E não faltará — vamos jurá-lo! — até entre as nossas leitoras, quem a considere, apesar do bacharelato e da «virtuosidade» musical, com por cento parva...

O POETA E O CINEMA

Por FERNANDO FRAGOSO

A FONSEO Lopes Vieira foi, há dias, a enterrar. Extraordinária figura de Homem de Letras — poeta, prosador, crítico e investigador — a Imprensa já sublinhou quanto Portugal lhe ficou devendo e o lugar que deixa em aberto. A obra de escritor heugne, quer nas estantes dos eruditos, quer na boca do povo, que canta as suas quadras sem saber que eram dele — esse legado admirável ficará o atestar, pela vida fora, o seu talento. Não seremos nós, portanto, nesta página, a insistir sobre o significado e o valor da obra, que em vida do poeta alcançara já a consagração nacional. É Afonso Lopes Vieira, cinfilho consúctico, que queremos erguer, perante os olhos dos nossos leitores.

O poeta de «País Lúda, Destino Azul» amava entranhadamente o cinema. Era assíduo frequentador das nossas salas e nelas buscava o prazer da visão dum bom filme. Ao contrário de outros escritores, que adoptam perante o espectáculo da tela o facto desistido de não menos fúria superioridade, Afonso Lopes Vieira considerava-o «suma das cudas vez mais raras forças que apoznam e movem o espírito das multidões». E dizia que o cinema junto das massas tinha uma espécie de «prestígio religioso». Não esteve à espera das bodas da imagem com o som, para se deixar conquistar pela nova Arte. Estas palavras foram proferidas em 1928, justamente quando acabava de realizar um pequeno filme interpretado por crianças, e que foi exibido no Gtiatório, em festa de caridade. «O Afilhado de Santo António», segundo o argumento que é próprio escrever, baseado num conto popular.

Ficou-lhe o gosto de fazer poesia através das imagens animadas. E confessou um dia a Astvino de Almeida que sonhava um grande documentário, fruto afinal da sua imaginação de poeta e o seu coração de português:

«...Que maravilhoso filme seria aquele em que vissemos «viver», em todos os aspectos dos seus caracteres originaes, as nossas províncias ultramarinas, desde os arquipélagos vizinhos às possessões de África, da Ásia e do Extremo-Oriente! Que admirável filme seria esse, que admirável sucessão de quadros nacionais, evocativos e vivos, e que achados de arte não feria com isto um realizador que fosse capaz de sentir e de criar esta espécie de «Lustadas em imagens, ritmadas como os de Camões, pelas ondas de todos os mares. Neste documentário nacional, que sirva e fomente um orgulho novo na alma da Nação, e que começando por Sagres, passaria à costa de Marrocos, a grande Ilha da cavalaria e da conquista portuguesa, entrariam sem falta os núcleos lusitanos da América do Norte — portugueses excelentes e tão esquecidos por nós — e os do Brasil, englobando-os a todos na grandeza moral e territorial da Pátria, de cuja vastidão de espelha nós outros pouco nos lembramos, e todavia cada vez mais reclama a nossa inteligência e o nosso amor».

Sonho de um cavaleiro andante da Nação, este projecto grandioso não pôde materializar-se. O mesmo aconteceu aos seus «poemas flutuantes», entre os quais o Tejo, que o poeta «viu» através de «beleza da paisagem, da etnografia, dos costumes das populações características, como esses admiráveis «eco-baças» que são os campinos, em suma o Tejo ritmado como uma grande sinfonia aquática, cujo final é o mar». Esta ideia veio a ser realizada, há poucos anos, pelo cinema Inglês, com um filme nobre — o «Tamisa».

Todos estes projectos se esfumaram lentamente. O Cinema foi o culpado. Com o advento do som, a técnica complicou-se até o infinito. A realização de um filme passou a exigir legiões de técnicos e de especialistas. Afonso Lopes Vieira viu que não mais poderia produzir com a tranquila seriedade com que realizara, em puro recreio de espírito, o seu «Afilhado de Santo António». Não mais pensou em dedicar-se à arte das imagens, Voltou aos seus livros, aos seus estudos, à sua casa de S. Pedro

(Continua na página 14)



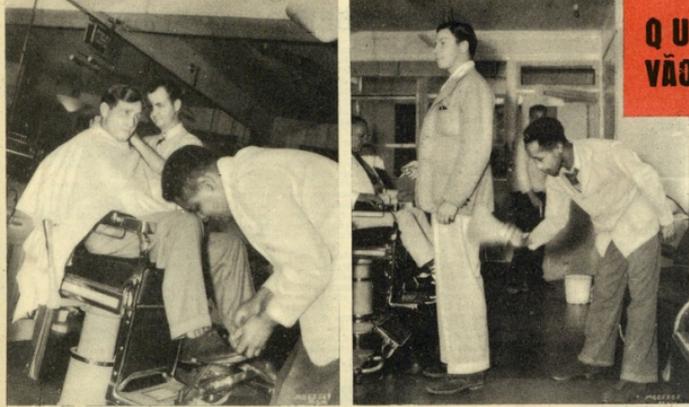
MORREU SLIM SUMMERVILLE

Chamava-se Slim Summerville. Vimolo nos Charles Chan, em «Jesse James», em mil e uma películas que a América fez desde 1913, data em que entrou para o cinema, pela mão de Mack Sennett. Morreu como viveu, sem que as trombetas da publicidade anunciassem a sua morte, como parcas foram a falar dele em vida. No entanto, o público há-de lembrar-se dele. Pode não saber o nome. Mas recordará eternamente a sua figura simpática, que nunca, no cinema, onde os editores abundam, se destacou por outras qualidades que não fossem aquelas que ornavam o seu espírito: a modéstia, a bondade, aquele raro talento de praticar o bem passando despercebido...

ULTIMAMENTE era o bom velhote de quase todos os filmes que exigiam a figura pitoresca dum homem idoso, desengonçado, barba crescida e expressão eterna de bonhomia, amigo das bebidas mais ou menos espirituosas — um daqueles pobres-diabos que povoa o mundo e que às vezes nos fazem lembrar, para jamais esquecer, que têm coração maior do que qualquer de nós.



Um dia perguntaram a Irene Dunne: «Qual é a sua ocupação favorita?». Sem hesitar, a simpática vedeta retorquiu: «o arranjo do meu lar». Aqui a vemos entregue aos seus prazeres predilectos. E a julgar por este recanto de sala — Irene Dunne alla à alegria do trabalho, o bom gosto, indispensável para tornar a casa não num coleccão de frias salas de museu, mas em alguma coisa de encantador, de confortável — de íntimo!



QUANDO ELES VÃO AO BARBEIRO...

CADA estúdio tem a sua barbearia privativa. Melhor diríamos, as suas barbearias privativas. Com efeito, há salas para os artistas, para os actores secundários, para os figurantes, etc. Por via de regra, os intérpretes entram muito cedo nos estúdios. E muitos deles guardam-se para fazer a barba, enquanto não entram em cena. As fotografias que publicamos dão-nos dois aspectos do movimento da Barbearia dos estúdios da Metro. Numa delas, Spencer Tracy corta o cabelo e aproveita a imobilidade para engraxar os sapatos. Na outra, Georges Murphy, libertado das mãos dos seus dedicados servidores, é cuidadosamente escovado pelo «groom», não vá algum cabelo prejudicar o conjunto...



Os ministros Iwamura e Suzuki e o almirante Tereshima tomam um banho quente depois de se levarem — com sabão amarelo...



O general Masahara Iwama, que deu ordem para a terrível marcha da morte de Bataan, ensina um soldado americano a escrever o seu nome em japonês. Para que ouzará o soldado aprender tal coisa?



O almirante Shimada diz a Nobosaku Kishi, ministro de Comércio no tempo da Pearl Harbour, que está a perder peso... Uma pena, não é?...



O tenente-coronel Sazichi Ohta, o responsável pela massacre de Manila, diverte-se fazendo equilibristas sobre um tronco de árvore... Entrenhimento pacífico e que não prejudica ninguém...

OS CRIMINOSOS DE GUERRA JAPONESES AGUARDAM JULGAMENTO



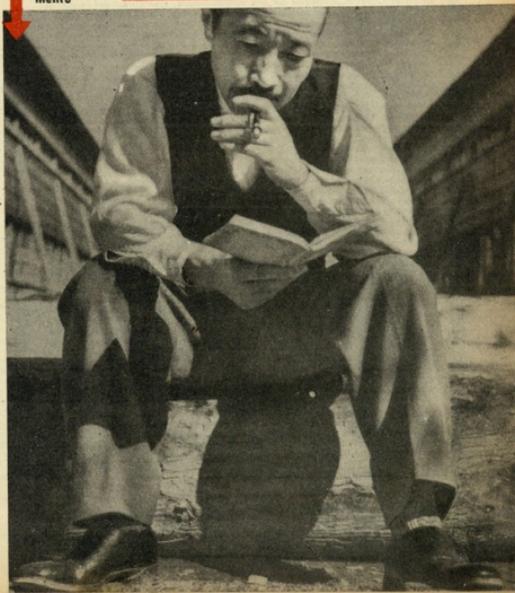
Os americanos têm presos na prisão de Omiri, antigo campo de concentração para prisioneiros americanos no Japão, 23 dos principais criminosos de guerra nipônicos.



Tojo, depois de almoçar tenta meter conversa com os seus companheiros, mas estes não lhe ligam nenhuma...

...quando não passa horas a ler, aguardando o seu julgamento

O coronel Kinoro Hashimata, um dos chefes da Sociedade do Dragão Negro



Tojo sujeitando-se a um exame médico



Tojo está a escrever as suas memórias...

PETROLEO



PIVER

A pintura dos cabelos torna-os ás-cos, asperos e quebradiços.
O Petróleo Piver, pela sua acção salutar e lubrificante sobre o bulbo piloso, evita estes inconvenientes, dando-lhe a saudável aparência e perfumando-o ainda, pois é uma ótima locão.

L.T. PIVER



XADREZ

PROBLEMA N.º 25
Por Raymond Gevers



2x

HIERÓGLIFOS
(COMPRIMIDOS)

Semblante fruto oferece

**HA
PON**

GANA OFERECER

FÓSSO 50 cifra

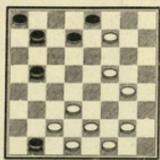
55 TEMP



DAMAS

PROBLEMA N.º 46
(Fantasia)

Por Aveleiro da Cunha Brandão
(Famalicão)
(Dedicado a Rufino Sirech de Miranda, de Ilha de Ave)



Jogam as brancas e ganham.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 44

(Rectificado)

14-32	8-12	1-28	20-27
9-2	18-7	31-24	30-23
32-16	16-7		
2-20	P.		

e ganham.

CORRESPONDÊNCIA

Dr. Carlos Libório de Barros
—A ideia é interessante, mas não vingou, pelo menos por agora. Breve escrevo.

MAÇADA GEOGRÁFICA
Por Augusto Teixeira Marques

(Dedicada ao amigo e distinto advogado Dr. Eurico Serra, Director Geral dos Serviços Tutelares de Menores, do Ministério da Justiça)

- 1 — E
- 2 — U
- 3 — R
- 4 — I
- 5 — O
- 6 — C
- 7 — S
- 8 — P
- 9 — R
- 10 — H
- 11 — A

1 — Estreito entre a Turquia da Europa e a Turquia da Ásia. 2 — Um dos Estados Unidos da América do Norte. 3 — País do S.O. da Ásia, entre o mar Cáspio e o Turquestão ao N., o Afeganistão e o Beluquístão P. E. 4 — Mesopotâmia a O. 4 — País limitado pelo canal do Norte ao NE, pelo canal de S. Jorge ao SE, e pelo Oceano Atlântico. 5 — Pequeno principado da Europa. 6 — Capital dum país da Ásia. 7 — Província muito montanhosa, do N. de Espanha, que tem como cidades principais Gijón e Oviedo. 8 — Nome dado às vezes ao arquípélago Indico. 9 — País da Ásia ocidental, ao S. do Cáucaso. 10 — Cordilheira da Guiné, defronte da ilha de Fernando Pó. 11 — Arquípélago do Atlântico ao N.O. do Sahara. Pertence à Espanha.

Atenção — Este problema considera-se resolvido quando todos os pontos forem substituídos pelas respectivas letras.

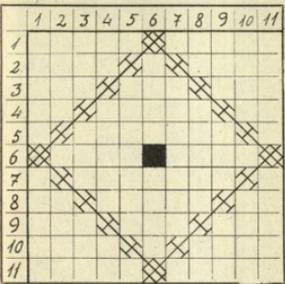
PILHA DE PALAVRAS
PROBLEMA N.º 7

(Dedicado por Armando Noqueira aos seus pais)



- 1 — Estrondo. 2 — Impudente. 3 — Pequenos lucros. 4 — Desigual. 5 — Pechincha. 6 — Inútil. 7 — Onda pequena. 8 — Saltar. 9 — Interior. 10 — Que tem duas flores. 11 — Escora.

Resolvido este problema, encontra-se na coluna (x), o nome e apelido dum estrela de cinema.



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 54 (Concurso)
Por Nicolau F. Telo de Moraes (Viseu)

HORIZONTAIS: 1 — Ilha no golfo da Finlândia; produto. 2 — Partes; levantar. 3 — Rio de Portugal; multido; naquele lugar. 4 — Partes iguais; pertencem em partilha; preposição e artigo. 5 — Estamos informados. 6 — Cidade duma colónia portuguesa; fôete. 7 — Natural da Índia portuguesa. 8 — Exala; saído; confiança. 9 — Manto de beduínos; transpôr; proceder. 10 — Borboleta diurna; prender. 11 — Sinceros; destilar.

VERTICAIS: 1 — Quantidade (pl.); antigo cabo de guerra. 2 — Mostra pelo aspecto que está mal disposto; perfure. 3 — Posseção portuguesa; exactamente assim (lat.); gritos de alegria. 4 — Artigo (pl.); aberturas em tubo; consigo mesmo. 5 — Travésas. 6 — Aumenta; oscilo. 7 — Inquietação da consciência por culpa cometida. 8 — Batráquio; orvalho; lado do vento. 9 — Folha de palmeira; voz; rumo. 10 — Peça de madeira para segurar; apertando; serrar pelo meio. 11 — Constelação austral; cio dos veados.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 53

HORIZONTAIS: 1 — Pula; vacas. 2 — Mãe; irra. 3 — Salomé. 4 — Adulam. 5 — Gramarel. 6 — Soar; ro. 7 — Ar; ras. 8 — Acusavas. 9 — Aragam. 10 — Maceira. 11 — Naco; adl. 12 — Casos; sala.

VERTICAIS: 1 — Sã; 2 — Um; gora; na. 3 — Lemara; camas. 4 — Assada; buraco. 5 — Lume; sacos. 6 — Viola; vage. 7 — Armara; verás. 8 — Creme; ramada. 9 — Aa; iras; li. 10 — Os.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 2

HORIZONTAIS: 1 — Embarcação de grande porte; espécie de cuspulpa, para arremessar pedras. 2 — Guarnição de arame; estrelinha, que ajuda os amantílios, para ligar e arrear as vérgeas dos papagaios. 3 — Berro (fig.); ventilar. 4 — Produz som; espécie de linguado das costas do Brasil. 5 — Um dos nomes, por que se designam os eiganos; termo onomatopéico, para exprimir o som da queda de um corpo duro (inv.). 6 — Estou; levanto. 7 — Tumor, o mesmo que arretra (inv.); estrondearem (inv.). 8 — Mulheres trigueiras (plural); contracção de preposição e de artigo (plural). 9 — Antiga máquina de guerra, para arrombar portas e muralhas; ligar. 10 — Resgatava; acreditara. 11 — Põe asas; colocar.

VERTICAIS: 1 — Embarcações mercantes de grande lote; aprender a adquirir na infância (fig.). 2 — Espécie de gramíneas; habiões. 3 — Cada uma das varas, entre as quais se atrela o animal, que puxa um veículo (plural); verespa. 4 — Intim; pronomeiro o nome. 5 — O dormir das crianças; ampara. 6 — Sulca; três letras da palavra rulo. 7 — Serias portador de; com. 8 — grão do tremoceiro; sôlera (inv.). 9 — Vigorosa; o mesmo que doito. 10 — Que não deixa passar a luz; soara. 11 — Espécie de pinheiro (Brasil); fechar as asas para descer mais depressa.

"55"

O BATON DA MODA

EM 6 LINDOS TONS

O ministro dos Negócios Estrangeiros norueguês, Trygve Lie, que foi eleito secretário geral da O.N.U., numa reunião particular do Conselho de Segurança



Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas

CARMIM
-CREME
TÓRERO

Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica

CARMIM
CREME
TÓRERO

E branqueia os dentes
E branqueia os dentes
E branqueia os dentes
E branqueia os dentes